

Fabian Balbinot

Doença e Cura



– Você fica aqui... até eu voltar – disse o demônio, rindo, lançando um último e perverso olhar para seu apavorado hóspede antes de fechar a porta e sumir.

O homem que agora estava trancafiado tinha ares de adolescência marcados nos traços leves de seu rosto. O cabelo escuro e comprido caía em seus ombros, misturando-se com os fios bem mais claros das grossas cordas que apertavam seus braços junto à cadeira onde havia sido amarrado. Uma mordaça ainda mais apertada tapava sua boca e suas narinas, fazendo-o sentir continuamente o gosto seco do tecido absorvente.

Não que necessitasse respirar...

Ele estava preso, atado a pés e mãos àquela cadeira grossa e pesada de madeira. Cabeça baixa, sentia-se humilhado tanto quanto amedrontado. Sabia não ser pessoa das mais fáceis de se lidar... Sabia não se tratar de uma pessoa comum, como as outras. Uma pessoa normal.

Não, de normal ele não tinha nada. Conhecia poderes e possuía capacidades capazes de pôr à prova os nervos do mais corajoso dos mortais. Capacidades sobrenaturais, por assim dizer. No entanto, suas fantásticas habilidades de nada valiam, e ele estava ali, atado, imprestável, com os nervos esfarrapados, a cabeça girando em devaneios improdutivos.

Lembrava das palavras que o recém saído havia dito.

“Sou como vocês”, dissera. “Preciso me alimentar... preciso de sangue... de um tipo especial de sangue.”

O homem, o demônio, ele vestia trajes antiquados. Uma espécie de capa preta, algo que lembrava uma cartola em sua cabeça, tudo cheirando a mofo. Partes visíveis do tecido estavam rasgadas ou descosidas, e a roupa daquele ente, de tão desbotada e manchada parecera-lhe não só estar representando um dos trajes típicos do início do século como também ter sido trazido com exclusividade de tal época.

Um triste ornamento, bastante adequado às características de quem o vestia, pois o demônio mais parecia ter sido materializado a partir de um pesadelo: suas carnes davam a impressão de estarem prestes a se descolar em torno dos ossos, tamanha a flacidez que aí se via. Pele não existia, a não ser uns restos de cartilagens escuras e mortas, penduradas aqui e ali em mãos de dedos que eram tão finos quanto possantes. Dedos que o tinham agarrado e imobilizado sem nenhuma dificuldade, momentos após ter se dado o encontro fatal.

O rosto do demônio, inesquecível como um trauma, erguia-se perante sua imaginação com abominável frequência. Os olhos soltos, vazados, porém plenos de vida; o nariz destruído, sem sustentação – um punhado de carne escurecida e enrijecida, que deixava visíveis as cavidades nasais. Os nascidouros dos dentes claríssimos à mostra por debaixo da pele seca do queixo e da mandíbula. Os cabelos secos e quebradiços...

“Vocês são as aranhas”, havia dito o demônio, com sua voz tão seca quanto o seu corpo. “Os outros, os vivos, são as moscas, que vocês capturam... e eu sou a vespa da terra. Assim como vocês precisam das moscas... eu preciso de vocês...”

Enquanto falava, havia amarrado-o com surpreendente facilidade.

“Vocês... vocês são a doença dos outros. A doença das moscas... E eu sou a cura. Sou a doença de vocês!”

O demônio partira, envolto em seu manto esfarrapado de mendigo, deixando-o ali, neste lugar sombrio, com os ecos de suas últimas palavras, que tinham força suficiente para continuar reverberando pelas paredes de sua mente, ecoando talvez pelos séculos afora.

Era uma casa pequena. Tijolos não cozidos à vista, formando paredes toscas. Teto de tábuas. Chão batido, de terra úmida e barro pisado. Uma única porta, grande e dupla, constituída de tábuas grossas, como as do teto. Palha seca e capim espalhados pelo chão. Um cocho de madeira pendurado de alguma forma em uma das paredes, além da pequena e fraca lâmpada, suspensa pelo cabo elétrico que a alimentava no ponto mais central do teto, e que surgia através das divisas das grandes tábuas ao alto. Uma lâmpada que, mesmo estando desligada, não o impedia de vislumbrar com relativa facilidade todos os contornos deste estábulo onde fora deixado, imerso na escuridão da noite.

Enxergar ainda era tão fácil para ele. Ver luz onde só havia escuridão.

Mas de que isso lhe valia...

Não havia dúvida de que estava em um subúrbio qualquer, ou mesmo em uma distante zona rural. Sentia resquícios do hálito adocicado do leite; o cheiro forte, remanescente dos verdadeiros ocupantes deste lugar – vacas e bois, que deviam encontrar-se muito longe das imediações, afinal, mesmo concentrando ao máximo sua outrora privilegiada audição não os podia captar.

Sequer escutava as respirações destes animais. Nem mesmo os insetos da noite e o som da cidade ao longe podiam ser ouvidos.

Estava sozinho, em um fim-de-mundo qualquer, e por algum motivo não podia contar com a plenitude de suas habilidades de percepção. Ouvia como uma pessoa qualquer, o que, para ele, equivaleria a dizer que havia ficado surdo.

Como tinha vindo parar ali? De alguma forma, era certo. A inconsciência encarregara-se de nublar alguns pontos cruciais do passado, deixando umas poucas lembranças para serem examinadas, uns poucos detalhes a serem interligados pela mente dolorida do cativo, enquanto este buscava esclarecer os motivos que tinham originado sua agonia.

Conhecera o demônio por acaso, em uma de suas costumeiras andanças noturnas. Um homem da noite, como ele próprio, vestido a caráter.

Um outro possível companheiro entre os poucos que conhecera no decorrer da noite eterna que estava fadado a viver? Via agora que não. Depois de uma conversa amena entre os dois, que não deixara margem para qualquer desconfiança, viera o pior. Após a despedida. *“Ei, amigo, espere um pouco...”* O cheiro diferente. O sangue sendo oferecido. A fome e o temor repentinos. E a inconsciência.

Depois disso mais nada.

Até mesmo o sabor inigualável, o cheiro atrativo do sangue vigoroso do demônio havia se dissipado de sua lembrança.

Agora estava ali. Longe da cidade grande e da agitação mundana da civilização. Longe da comida fácil. Seco e sem vida, vazio. E perto do dia... Perto demais do dia.

Pressentindo o perigo, o calor iminente do sol, ele começou a se debater, lutando contra as amarras que o mantinham naquela cadeira maldita. Sentiu a cólera crescendo dentro de seu corpo; o frio ardendo em seus músculos, tornando-os em fibras possantes como cordões de aço. Sua vista turvou-se, tornando as imagens antes brilhantes, claras como o dia, em chamas distorcidas de um vermelho vivo. Unhas pontiagudas, semelhantes a garras, desenvolveram-se nos dedos crispados. Dentes afiados como serras destruíram a mordaca, liberando um grito agudo que mais parecia o rosnado de uma besta do inferno.

Fora de controle, a fúria explodindo no peito, o homem ensandecido começou a balançar a cadeira de um lado para o outro, como um louco descontrolado faria em um manicômio. Gritava e gemia, os olhos rolando nas órbitas tal e qual os prêmios das máquinas caça-níqueis dos cassinos que abundavam no próspero lugar de onde viera. A doença da noite queimando sua alma. A agonia e o esgar gerando força e poder inumanos. As cordas rompendo-se aos poucos, influenciadas pelo ritmo frenético do balanço da cadeira, esmerilhadas pelo atrito com os músculos fortíssimos.

De tanto ser agitada pelos solavancos, a cadeira acabou virando. O homem metamorfoseado caiu junto, batendo no chão e ganindo como um cão. A palha suja veio ter com a sua boca, junto de um punhado de terra e esterco. Raivoso, ele cuspiu a mistura nojenta e gritou outra vez. Voltou a contorcer-se desesperadamente, afrouxando mais as cordas, gemendo devido à dor profunda que sentia no peito... no estômago... A dor do poder da noite. A dor da sede, da esfauma demoníaca.

Quando deu por si, estava livre. Desenlaçou-se das cordas frouxas, atirando-as para longe. Chutou a cadeira contra uma das paredes, fazendo uma de suas pernas de madeira quebrar-se com o impacto, o que jogou pequenas lascas para todos os lados.

O homem metamorfoseado sentiu dores incríveis lacerando sua barriga e seus músculos. Enxergava tudo vermelho, como se visse sangue

jorrando pelas paredes... uma cascata de sangue translúcido, formando uma lagoa que cobria o chão inteiro e transbordava, submergindo-o no caos escarlate e intangível. Parecia que a cabeça ia explodir. A dor da fome e da sede e da fúria. Os vermes que não conhecia galgando suas entranhas, arrancando nacos de sua carne centenária. A maldita dor.

Projetou-se como um animal contra a porta dupla de tábuas, que abriu-se estrondosamente, rebentando a fechadura tosca. Saiu cambaleando a passos imprecisos, sem ver onde pisava, apoiando-se com as mãos. Uma ponta aguda penetrou em sua mente, fazendo-o lançar-se ao chão. Apertou com força as mãos contra o crânio, desejando esfacelá-lo de uma vez por todas, esmagando os vermes que caminhavam por ali e reduziam seu cérebro a pó... eliminando a maldita dor.

Tombou de frente, como um executado que cai morto depois de uma saraivada de tiros, empurrando o rosto contra o chão de barro e capim. Sorveu da terra molhada pelo sereno, sentindo ânsias pela garganta inteira. A maldita dor... *maldita... maldita maldita maldita!*

Levantou-se, gemendo, agonizando. Não ouvia mais nada há tempos, e agora tampouco podia ver. Urrava de dor e fúria. Sentia a cabeça girar... a consciência se perder...

... até que tudo ficou escuro.

* * * * *

O homem abriu os olhos. Piscou-os algumas vezes. Instintivamente levou a mão à testa. Estava em um lugar aberto...

Capim?

... pelo que podia ver. Girou os olhos para os lados, procurando verificar o que havia pelos arredores. Mato baixo, rasteiro, cercando-o. Centenas, milhares de folhas finas e compridas oscilavam acima e em redor de sua cabeça. Flores pequenas misturavam-se às chibatas verdes de capim, apontando para o alto suas pétalas contraídas.

Devia ser alta madrugada. Era muita sorte que a noite ainda não tivesse terminado, julgou o homem caído na relva, usando de seus sentidos refeitos para observar o movimento pelas vizinhanças e determinar o horário com relativa precisão.

Conseguia ver e ouvir os insetos noturnos dardejando em seus vôos rápidos ou desengonçados. Havia muitas moscas.

Uma das moscas aproximou-se para pousar em seu nariz. Curiosa, procurou infiltrar-se logo de uma vez pelo caminho aberto de uma das narinas.

– *BRRRRUFFF!* – espirrou o homem, erguendo seu tronco da relva molhada. – *Saia daí!* Porcaria... ahh! – grunhiu ele, espantando a mosca com a mão.

Sacudiu a cabeça, contrariado, abanando os braços e ocasionando uma pequena revoada de insetos. Coçou o nariz com o pulso, esfregando-o furiosamente.

Sapos coaxavam não muito longe.

Não suportava moscas! Não podia sequer vê-las – criaturas repugnantes. E deixavam a franca impressão de preferirem ele ao invés de outras tantas *iguarias* que existiam aos montes por aí. E nunca surgiam sozinhas, as desgraçadas. Tratavam de trazer toda a família...

Empurrou para trás o cabelo comprido que caía em seu rosto. Sempre trazia um elástico atrelado na manga de sua camisa para poder amarrá-lo ao cabelo, porém desta vez, esquecer-se de fazê-lo, devido às circunstâncias talvez.

Pôs-se a recolher as melenas negras, acomodando-as dentro da gola de sua jaqueta de couro preto, que já tinha estado bem mais limpa do que agora, enquanto usava sua visão mais humana e normal para olhar em redor de onde se encontrava. Viu umas árvores altas, do tipo que espalha para os lados as suas copas de folhas minúsculas, dando a impressão de que a imagem que se vê foi distorcida.

Vacas pastavam e algumas dormiam, encolhidas sobre as quatro patas. Uma rês estava caída de modo diferente, não muito longe. Parecia estar morta, o que era confirmado pela revoada de moscas que a assediavam.

O homem ergueu-se do capim orvalhado, continuando a revistar o local em pé. Adiante, além das vacas e bois, das árvores irreais, e da grande cidade cinzenta, cujos arranha-céus pontudos podiam ser vistos de longe... bem adiante, atrás dos morros longínquos que oscilavam no fim do horizonte, lá vinha ele – *o sol*. Os traços vermelhos, o gradiente escarlate no tom ebâneo celeste era inconfundível. O homem vestido de preto soube de imediato o perigo que corria.

Virou-se para trás, conferindo com calma o restante da paisagem. Sentia leves dores nos ombros, nos braços e na barriga, coisa...

... vermes caminhando pelo seu estômago...

... de pouca importância. Enquanto esfregava as mãos nos músculos dos antebraços diametralmente opostos, com os braços cruzados, verificou que apenas a alguns metros de onde estava havia uma casinha pequena, feita de madeiras e tijolos crus. Aproximou-se.

A porta encontrava-se aberta – uma porta dupla, bastante sua conhecida, cujo ferrolho estava despregado, inutilizado. Era o pequeno estábulo, sem dúvida. O lugar onde permanecera amarrado boa parte da noite – sua visão super poderosa mostrava os pedaços de corda e a cadeira quebrada caída junto à parede, brilhantes, inconfundíveis, comprovando o que havia ocorrido. Já tinha ouvido falar de estábulos feitos de madeira por inteiro, tão pequenos como este. Por que será que tinham feito aquele ali de madeira e tijolos? Seria aquele um outro sinal dos novos tempos?

A porta foi empurrada por um golpe de vento, e os seus gonzos enferrujados rangeram em resposta aos seus devaneios.

Saiu andando pela lateral da diminuta e inovadora manjedoura, onde a luz não poderia atingi-lo. O sol vinha vindo, escaldante, e ele tinha de se apressar. Olhou com tristeza de volta para a porta dupla. Quebrada do jeito como estava, não poderia ser fechada. Não ofereceria segurança alguma. A primeira brisa que soprasse a abria, expondo todo o interior da construção aos olhares ferosos do astro-rei, e então ele estaria frito. Além disso, havia muitas frestas entre as tábuas da porta, e mesmo entre as que formavam o teto, ele bem podia lembrar. Algumas telhas faltavam, e ele nem queria imaginar os problemas que iria ter caso despertasse ali no decorrer do dia, cercado por fachos faiscantes de luz solar, rodeando-o por todos os lados, prontos para cortá-lo em pedaços como sabres de *laser*.

Decepcionado, abandonou o pequeno estábulo, acenando negativamente com a cabeça. Não temia o sol, mas a dor...

... vermes dilacerando seu cérebro...

... não, não podia suportar a dor de uma segunda morte.

Viu adiante uma colina que parecia acabar logo ali, mas que na verdade abria-se em uma inclinação brusca, formando uma ladeira. Lá embaixo, a uns cem metros...

Uma casa!

Ele sorriu, aliviado. Uma casa. Uma casa mesmo, de verdade. Proteção de verdade. Quatro ou mais paredes grossas e um teto de concreto *à prova de sol!* Paredes duras, sólidas. Janelas com tampas, e nada de frestas nas tampas. Nada de fachos penetrando nas frestas. Portas com fechaduras e chaves, muito fáceis de serem abertas, ou trancafiadas. Talvez até uma ou mais fontes daquele líquido vermelho e saboroso ao qual costumava chamar de comida.

Correu pela ladeira, rumando para o pequeno chalé.

Enquanto corria, o vampiro gargalhava ruidosamente. Em seu trajeto, girava o corpo em graciosos movimentos de dança, fazendo gestos obscenos que eram dirigidos para o leste nocivo onde o sol amaldiçoado já devia estar mostrando sua testa fervente, rasgando as montanhas do oriente e os altos prédios de concreto da cidade grande com suas rajadas de lava luminosa e escaldante. Morria de rir, e rolava pelo capim de tanta felicidade.

Alcançou a casa afinal. As janelas estavam pregadas com tábuas velhas. Muitas camadas de tinta descascavam juntas pelas paredes, caracterizando o esmero com que o chalé fora tratado há muitos anos atrás, e o descuido que se podia ver agora, devido ao seu abandono. Trepadeiras cresciam, envolvendo muitas das paredes da velha casa em redes vegetais que muitas vezes alcançavam as orlas do telhado. Em um determinado ponto, a calha de escoamento de água que fora afixada nas extremidades do telhado, feita de zinco e oxidada, havia desabado, distorcida como uma serpente morta

pelo chão calçado que dava volta em torno da casa. Arbustos nasciam por entre as pedras do calçamento, enquanto uma única grade, completamente coberta pela ferrugem, impedia o acesso para um suposto porão escavado nas fundações do casebre.

O lugar apeteceu o vampiro. Era o esconderijo perfeito, aquele porão. Lá, gatos, ratos, e outras pragas deviam passar as noites e mesmo os dias na mais completa escuridão. Se tivesse mais tempo, o visitante certamente olharia mais a fundo um lugar deste tipo. Porém, hoje, tendo em vista as circunstâncias...

Andou mais um pouco, até encontrar a frente da casa, que apresentava uma sacada de aparência pobre, revestida tanto de buracos quanto de azulejos de pinturas amuadas e cores irreconhecíveis. Dois pilares descascados de madeira seguravam o teto, que se destacava de modo a cobrir a sacada como uma última e forçosa medida arquitetônica, buscando exibir um mínimo de requinte e aconchego. Gramíneas e pestes vicejavam por entre as folgas dos azulejos.

O homem deteve-se junto à porta. Uma porta comum, solitária, colocada à esquerda de uma janela de veneziana, segura por algumas tábuas ali pregadas. Não havia nenhuma tábua bloqueando a porta, mas eram evidentes os furos no batente de madeira. Três ou quatro tábuas tinham sido deixadas, sobrepostas, bem ao lado da porta, com montículos de matéria ferruginosa – o que havia sobrado dos velhos pregos – espalhados em volta delas.

O homem vestido de preto franziu o nariz, desconfiado. Talvez tivesse alguém dentro da casa...

Talvez não.

Os raios do sol já enalteciam os morros de uma serra que se distanciava no oeste, fazendo seus olhos super sensíveis arderem. A noite não passava de ruínas.

Bateu na porta, afoito, apenas para mostrar respeito aos velhos tabus. Um dos algarismos que formavam o número da casa desprendeceu-se e caiu – de 31 que era, a numeração sofreu uma queda brusca, transformando-se em apenas 1, enquanto o algarismo 3, metálico, quicou por duas vezes no piso de azulejos, e foi sumir no meio do capim, junto à área calçada.

Sem ter tempo para interpretar presságios, o homem inquieto bateu outra vez na porta. E mais outra.

Irritado, girou a maçaneta, que produziu um ruído áspero. A porta abriu-se, e ele penetrou na casa.

Sentindo-se mais aliviado por já estar longe do alcance das chamas mortíferas do sol, o homem vestido de preto fechou a porta, sorridente, refugiando-se na escuridão. Passou a conferir o local onde se encontrava, enquanto suas vistas se ajustavam à falta de luz. Viu que estava em uma sala de visitas abandonada, sem mobília, com uma única passagem que dava em

um corredor. Blocos de argamassa seca caídos das paredes formavam montes de sujeira em torno destas. Um lugar definitivamente imundo, aquele.

Deu o primeiro passo em direção ao corredor, e parou de repente.

Luz!

Viu com espanto, o reflexo do sol pontilhando as paredes e o piso de madeira na sua frente. O sorriso sumiu de sua face.

A porta!

A luz... A MALDITA LUZ... em todos os lugares.

Horrorizado, ele piscou e encolheu-se para se livrar dos efeitos degenerativos do reflexo. Seus olhos ardiam, fogo em brasa.

A PORTA AINDA ESTAVA ABERTA!

Protegendo-se da luz, movido com incrível rapidez por intermédio do poder de que dispunha, ele virou-se para fechar a porta. Instintivamente abriu os olhos.

Tudo estava escuro.

A porta continuava fechada, como ele a havia deixado.

“*Bem vindo...*”, soou a voz do demônio, vinda de trás de si.

Só então ele percebeu que não estava sozinho naquela sala, e que a luz que vira não passava de uma alucinação.

Súbito, os vermes passaram a se mover mais rápido dentro de seu estômago.

Ele tombou ao chão, sabendo que era tarde demais para tentar qualquer coisa.

* * * * *

(As vespas solitárias não vivem em colônias, no entanto, sob alguns aspectos, são ainda mais interessantes que as vespas sociais... Alguns tipos costumam fazer seu lar nos ninhos de outros insetos... As vespas fêmeas, adultas, costumam trabalhar e se sacrificar por sua prole, mesmo que nunca venham a ver suas crias... A larva de vespa solitária tem predileção, conforme seu tipo, por uma dada modalidade de inseto, entre aranhas, besouros, formigas, e outros... Os adultos alimentam-se de nectar e sucos de frutas, contudo, caçam presas que são picadas por seus ferrões paralizantes e levadas ainda vivas para a toca... Quando a vespa adulta consegue reunir um estoque de presas suficientemente grande, ela deposita um ovo em um dos corpos das vítimas e a seguir fecha o ninho hermeticamente. Em poucos dias, a larva eclodirá do ovo, encontrando ao seu dispor um abundante suprimento de alimento fresco...)

Enciclopédia Delta Universal – Adaptado

* * * * *

Ele despertou, sentindo a agitação de um corpo rompendo a paz do ambiente. Odores pesados exalados por materiais em decomposição

preenchiam o espaço, deixando o ar denso. Ouviu passos, descompassados, como os passos de um aleijado, dando voltas, indo de lá para cá, de cá para lá. E outros ruídos, de coisas sendo... posicionadas... empilhadas?

O vampiro estava caído, entorpecido, sem conseguir mover-se, seu corpo escorado em um canto qualquer em meio à treva. Piscou com força os olhos, procurando ajustá-los ao ambiente para poder enxergar o que estava acontecendo. Apertou as pálpebras uma de encontro à outra, várias vezes, forçando-as contra os olhos, depois abrindo-os e girando-os. Seus olhos doíam.

Não conseguia ver nada.

Apenas pôde ouvir uma risada esganiçada e curta, e os mesmos passos claudicantes, que agora se aproximavam.

– Não adianta tentar ver – disse uma voz nas imediações. – Você está cego. Mesmo com a luz acesa, tenho certeza que você não está conseguindo ver nada. É perda de tempo...

Mais passos em falso, afastando-se desta vez. Mais riso. E mais coisas sendo empilhadas. Lenha... tábuas. Sim, os ruídos eram inconfundíveis. Tábuas estavam sendo empilhadas em algum lugar ali perto.

Os olhos doíam.

– Ahhh... – o vampiro tentou se concentrar para sair daquele transe, daquele torpor que o imobilizava e o impedia de usar seus sentidos. Não obteve sucesso. Seu corpo mais parecia uma pilha de carne sem vida. Notou que mal e mal podia mover os dedos.

– Não adianta também ficar tentando se mexer – disse a mesma voz, vinda mais de longe desta vez.

O vampiro reconhecia aquela voz. Tratava-se daquele mesmo homem disforme que o havia abordado na cidade.

– O efeito do... veneno, isso vai durar ainda muitos dias – concluiu o demônio.

– V-v-ve... vene... no? – tentou perguntar o vampiro, percebendo que sua voz, espatifada, cacofônica, refletia o estado moribundo que empestava seu corpo inteiro. Suas mãos, dedos crispados, elevados no ar, pareciam dispostas a agarrar uma brisa que não existia.

– É. Veneno, meu caro. É isso mesmo que você ouviu. Podemos chamá-lo desta forma – a voz tentava soar simpática, o que a deixava ainda mais tétrica. Horripilante.

Seus olhos doíam, e os vermes não paravam de escaramuçar o seu estômago. Malditos vermes. MALDITOS!

Desesperado, o vampiro tentou se mexer, enxergar, fazer qualquer coisa. Contudo, seu corpo continuava dando a impressão de ter finalmente reencontrado a morte que por tantos anos havia sido adiada, desejoso inclusive de reconciliar-se com esta.

Se não respira, não vive.

Um ligeiro tremor foi todo o movimento que decorreu de seus esforços; um reflexo de seus nervos... um calafrio inútil percorrendo sua espinha de alto a baixo.

“Veneno, meu caro. É isso mesmo que você ouviu.”

Seus olhos... e os vermes... Malditos vermes.

– Sabe de uma coisa – recomeçou a voz do demônio, encoberto pela penumbra causada pela cegueira. – Sou uma pessoa piedosa, até certo ponto. Além do mais, ficar observando você se debatendo desse jeito...

Os passos mancos voltaram a soar mais alto, mais próximos.

– Acho que fiquei compadecido com a sua bravura – disse, muito perto do ouvido do homem agonizante. Tanto o hálito do demônio quanto seu sotaque irreconhecível recendendo a podridão e morte.

O demônio afastou-se um pouco, ou elevou a cabeça, e riu o seu riso de bruxa velha, deixando o vampiro, tão acostumado com as vezes do predador, absolutamente apavorado perante as terríveis perspectivas de ter se tornado presa.

– Vou lhe contar uma história – prosseguiu o demônio, e levando em conta os ruídos que este produziu, o vampiro julgou que ele tivesse puxado uma cadeira ou algo assim, tendo então se sentado. – Você deve ter ouvido... você deve se lembrar, na primeira vez em que vimos um ao outro, algumas semanas atrás, quando eu lhe disse que...

Semanas?

– ... eu era a vespa, e vocês eram as aranhas. Acho que você se recorda disso, não é mesmo?

O vampiro, paralisado, não fez que sim nem que não.

SEMANAS? Tinham se passado semanas desde o primeiro contato? Mas isso era impossível...

– Bem, não posso dizer que eu seja exatamente como você, afinal uma aranha nunca é igual a uma vespa, ou a uma mosca. – O demônio riu outra vez, divertindo-se às custas da própria infâmia, como o vampiro havia feito por diversas vezes, diante de suas próprias vítimas. – No entanto... Eu conheço muito bem a sua raça, e por razões que não lhe dizem respeito, também eu, também a minha raça desenvolveu uma doença da noite, semelhante à que afeta vocês. Como vocês, também eu vivo de absorver o oxigênio do sangue dos outros, contaminando gente por aí, espalhando a morte. Como vocês, eu também destruo as pessoas sem discriminar os inocentes dos culpados, movido por uma fome semelhante à sua.

O demônio levantou-se do móvel onde havia se sentado, e caminhou para um lugar não muito distante, que o vampiro não podia ver.

– Velhos tempos... Conheço toda a paranóia de escapar durante o dia e procurar pobres coitados, ou ricos afortunados e tolos durante a noite. Vi algumas civilizações surgindo e desmoronando, e algumas culturas transformando-se em pó de uma noite para a outra, algumas vitimadas

pelos humanos, outras por gente como você. Vi a própria cultura de nossos antepassados desfazer-se diante de meus olhos, conforme o tempo e os séculos se passavam.

Uma pausa. Muito silêncio, atormentando o vampiro. O cri-cri dos grilos. O coaxar de uma rã entusiasmada. Predadores e presas por todos os lados, de todos os tamanhos.

Seus olhos... os vermes...

– Não sinto mais esperança, e deixei de ter fé em alguma coisa há tanto tempo que acabei esquecendo como vem a ser tal sensação – prosseguiu o demônio. – Peguei doenças, uma após outra... as mais diversas pestes contagiosas dos homens, sabendo do pouco dano que elas poderiam me causar, assim como a vocês, afinal... não há dúvida em relação às extraordinárias capacidades regenerativas dos vampiros, só comparáveis ao seu apetite insaciável por sangue. Eu, porém, procurei as doenças, as pestilências, por minha própria vontade. Tenho motivos para tanto, e estes não vêm ao caso.

Mais passos. O demônio caminhava pelo lugar, e parecia estar premeditadamente disposto a confundir a debilitada audição do vampiro.

– Vivi tudo isso – sua voz surgiu de um outro lugar, diferente de onde soavam os passos – e sei, mesmo que seja de um modo diferente do que ocorre com *vocês*, o que significa ser imune e estável pelos séculos afora. Porém, descobri que nem tudo é tão perfeito como parece... Existem tantas criaturas fascinantes neste mundo. Tantos exemplos de aparente perfeição... O escorpião, tão poderoso, com seu formidável veneno, capaz de derrubar um homem com uma picada, e que é feito em pedaços em segundos por um bando de minúsculas formigas, muito menores do que ele, e tão indefesas que a própria chuva as destrói... O caranguejo, blindado, possante, um verdadeiro acampamento para milhares de vermes. E a tarântula, poderosa assassina, que nem chega a ser páreo para uma única vespa da terra. Aparências, nada além de aparências.

– Sabe, meu amigo... não existe perfeição, nem segurança, e tampouco uma garantia. Todos nós fazemos parte de um ciclo, até mesmo os humanos... e os vampiros. A esta altura, nem mais falar, nem emitir sons você pode... Eu sei. Tenho certeza. Já vi esta mesma cena acontecendo antes, com diferentes olhos, em diferentes lugares, através de diferentes realidades. Sei o que o... veneno faz. Conheço todos os sintomas. Possuo experiência secular no assunto.

O demônio riu outra vez, e aproximou-se do vampiro. Seus passos deixavam a impressão de estar vindo de todos os lados.

Os vermes... mexiam-se sem parar pelo seu corpo... despedaçando-o... fragmentando-o...

– Como as vespas, minha estirpe também tem a sua maneira incomum de se perpetuar... As larvas das vespas eclodem dos ovos e sugam a vida

das aranhas paralisadas. E muitas aranhas são sacrificadas em troca de uma única larva, que resultará em uma vespa ainda menor. Aranhas como você, afinal todos fazemos parte do ciclo. Alguns têm mais sorte do que os outros, e estão melhor posicionados neste ciclo. Eu tive esta sorte, e hoje sou vespa adulta.

“Mas... nem todos têm sorte, não é mesmo?”

* * * * *

O homem de cartola e sobretudo rasgado levantou-se. Caminhou manquitolando e ultrapassou a porta que dava para o lado externo da velha casa descuidada.

Apreciou a paisagem sombria da noite, tentando em vão respirar o ar orvalhado trazido pela brisa.

Um pedaço da carne do rosto deformado descolou-se e caiu. Ele não se importou. Tinha coisas muito mais importantes para fazer. Sabia que o fim daquela etapa em sua vida estava próximo, e há tempos acostumara-se a ter a pele e as carnes apodrecendo e caindo de seus membros, de sua face, e de todo o seu corpo. Sabia muito bem o que devia ser feito para acabar com o processo degenerativo, assim como tinha plena consciência de quão temporária e efêmera era tal solução.

Fazia parte do ciclo. E era assim que devia ser.

Fechou a porta da frente. Sem pensar muito, conferiu o material que trouxera do interior da casa. Algumas tábuas, um saquinho plástico com velhos pregos, e um martelo, além de sua velha maleta escura e puída, forrada em couro e pó, onde trazia os *preparados*, tão necessários a ele, e à parte que ele representava no ciclo.

Fechou a porta, girando a velha maçaneta redonda. Juntou as tábuas recolhidas de dentro da casa com as outras que estavam do lado de fora, empilhando-as todas juntas, e a seguir agarrou um par de pregos do saquinho plástico e colocou-os na boca. Pegou a primeira tábua da pilha e colocou-a junto à porta. Devagar, mas de modo firme, resoluto, pôs-se a pregar, uma a uma, todas as tábuas da pilha na porta, procurando vedá-la, com segurança.

Conferiu o serviço, ao terminá-lo, julgando-o excelente.

Colocou o martelo e o saquinho com os pregos em um esconderijo improvisado junto à parede frontal do casebre. Pegou sua maleta antiquada e partiu dentro da noite, sem olhar para trás.

* * * * *

Dentro da casa, em um canto escuro, alguém que já havia sido humano, de olhos arregalados em um espasmo, sem poder se mexer, sentia as entranhas se desfazendo aos poucos dentro de seu corpo.

“Surpresa! Você está morto!
Adivinhe o quê é?
Isso nunca acaba...
Agora você é meu
Eu vou continuar a matá-lo até o fim dos tempos.”
Surprise! You're Dead! - Faith No More

A mulher abriu os olhos.
Piscou algumas vezes. Estava um pouco escuro.
Sentia-se tonta, a vista estava embaçada, as imagens em redor turvas.

Ouviu alguns ruídos abafados, como coisas que são posicionadas sobre algum tipo de superfície. A imagem estranhamente familiar de uma mesa grande, verde, sem contornos, indefinida, foi projetada em sua mente. Uma imagem que ela não podia vislumbrar de fato.

Conseguia ver apenas um espaço vazio, escuro, cinzento, como uma parede que começa em um dos cantos da vista e se estende até ter atravessado todo o campo de visão. Ocupando tudo. De lado a lado, de cima a baixo.

Sentia calor.

Sons de coisas batendo-se, sendo chocadas umas com as outras, suavemente. Coisas como copos plásticos, caixotes pequenos de madeira ou papelão, talvez. Sons distantes, amortecidos, difíceis de serem identificados.

Passos. Sapatos que ela não podia ver. Sapatos pisando o chão. Passos também suaves, que originavam baques roucos, como que vindos de longe, contidos, reticentes.

E em alguns momentos...

...

Fazia-se o silêncio.

A mulher sentia sono. Preguiçosas, as pálpebras teimavam em cobrir suas vistas, descendo devagar como cortinas pesadas que iam tapando a luz que entrava pelas janelas vinda de fora, obscurecendo ainda mais o pouco que ela podia ver.

Então, súbito, como se um mecanismo de acionamento elétrico, automático, tivesse sido ativado, as cortinas das janelas de sua visão tornavam a subir, rápido, de um golpe. E a jovem mulher despertava outra vez, como se tivesse levado um choque.

Geralmente, isso ocorria quando o silêncio era rompido, e o som de passos abafados, coisas batendo-se, sendo chocadas umas com as outras, recomeçava.

Era uma jovem mulher. Sem dúvida, pensou ela.

Sem dúvida...

Misteriosamente, contudo, floreios e mosaicos compostos com as tintas de sua memória apontavam uma estranha velhice, estranhamente miscigenada à legítima impressão de juventude que se fazia sentir. Era tão estranho ser tão jovem, e, ao mesmo tempo, sentir-se tão velha.

Era tão estranho...

Estava tão quente.

Pensou em virar-se de lado na cama, mas sua cabeça não se moveu sobre o pescoço.

Pensou em virar-se de lado na cama, mas... não se lembrava de estar de fato em uma cama.

Pensou em virar-se de lado na cama.

Pensou em virar-se de lado...

...

Cortinas baixando. Janelas sendo fechadas. Escuridão. A parede cinzenta que ia de um ponto ao outro da vista desaparecia, pouco a pouco.

...

Abriu os olhos outra vez. Desta vez ainda com mais força, mais rápido.

QUERIA ficar acordada.

Em nome de CRISTO, queria ficar acordada!

E acordada ficaria.

Piscou. Piscou e piscou.

Quis esfregar os olhos com os dedos, mas suas mãos não se mexeram dos pontos onde estavam. Por alguma razão, suas mãos pareceram estar longe, distantes, além do alcance delas próprias, DELA própria.

Quis mexer os dedos das mãos, mas eles não se mexeram.

Quis mexer os dedos dos pés.

Quis virar-se de lado na cama.

Quis virar a cabeça para ver melhor o que havia do outro lado da sala.

Quis ver a mesa verde, que parecia ser coberta por uma espécie de feltro, uma espécie de veludo verde coberto de tons escuros e púidos, projetada por sua memória.

Quis ver os sapatos, ou chinelos, ou tamancos, pés descalços que fossem, que de vez em quando pisoteavam o chão que ela via em sua mente como sendo de ladrilhos feitos de cerâmica, uns pretos, outros brancos, uns do lado dos outros, como os quadros de um tabuleiro de damas.

Quis ver seus próprios pés descalços.

Acima de tudo, quis SENTIR seus pés descalços, como quis sentir seus dedos das mãos, e movê-los, e tamborilar com eles no cetim do lençol da cama em que estava, pois era certo que estava em uma cama, imaginava ela.

Quis bocejar, mas nem mesmo isso aconteceu.

Onde estava, afinal de contas?

Quis gritar para a pessoa, para AS pessoas, quem quer que fosse que estivesse empilhando coisas, mexendo em copos, virando líquidos, caminhando sem parar de lá para cá, para que fosse com urgência para o inferno, porque aquela barulheira toda, mesmo soando abafada, amortecida, longínqua, distante, rouca, monótona, enfadonha, entediante, silenciosa, ensurdecadora... estava deixando-a maluca.

MERDA!

Não conseguia pensar direito. Uma densa neblina a impedia de raciocinar. Uma cortina de fumaça, gás do sono, veneno, alucinógeno, narcótico, tirava a sua concentração. Fazendo suas pálpebras pesarem e descerem devagar como cortinas que iam tapando a luz vinda de fora, obscurecendo ainda mais o pouco que ela podia ver...

Cortinas pesadas sobre suas vistas. Cortinas de fumaça.

Estava muito quente. Mormacento. Algo a envolvia... uma coisa mole...

UM TECIDO.

Um tecido envolvia seu corpo... sua cabeça... sua mente...

Tinha de ficar acordada.

Tinha de ficar acordada.

Tinha de ficar acordada.

Tinha de ficar acordada.

Tinha de...

...

* * * * *

A mulher abriu os olhos.

Piscou algumas vezes. Estava claro.

Sentia-se tonta, a vista estava embaçada, as imagens em redor turvas.

Ouviu alguns ruídos, como coisas que são posicionadas sobre algum tipo de superfície, e a seguir coisas sendo colocadas dentro de algo, um invólucro, um saco ou sacola, talvez uma mala.

Passos.

Um assobio. Alguém assobiando uma singela canção, que ela não conhecia.

Tais ruídos duraram alguns momentos, e foram interrompidos em um dado instante pelo abrir e fechar de uma porta. Maçaneta sendo girada, dobradiças rangendo, mais passos, e, para terminar, a porta sendo puxada com força, batendo como um gongo que anuncia e precede o silêncio.

Apagou-se a luz. Fosse quem fosse que tivesse saído, tinha desligado a iluminação interna daquele local invisível, pressionando um botão externo.

Estava fresco. Uma brisa suave batia em seu rosto.

Piscou mais algumas vezes, acostumando-se com a escuridão, e em instantes as imagens foram se tornando mais nítidas.

Viu um tubo de vidro, ou algo semelhante, de relance, à sua esquerda.

Girou os olhos para a direita.

Percebeu que havia uma lâmina. Uma faca pequena...

SANGUE!

...

A faca estava suja de sangue.

Era sangue. Ela estava certa disso.

Não tinha dúvida alguma. Sentia o cheiro inconfundível, que lhe despertava o instinto e lhe trazia sede. Suas têmporas se aqueceram, e uma leve ardência se fez notar em suas gengivas, causando uma coceira rente às raízes de seus dentes.

Ela tentou lambear as arcadas dentárias, mas não teve muito sucesso. Por alguma razão, ela não tinha como mexer a língua dentro da boca, pelo menos não com a força necessária para esfregá-la de encontro às gengivas, de modo a aplacar a torturante coceira.

Por alguma razão, sua boca estava aberta, o queixo caído.

E ELA NÃO CONSEGUIA FECHÁ-LA!

O tato revelava que existia alguma coisa debaixo de seu queixo, e em volta, em redor, cercando a parte de baixo de sua cabeça. Algo sólido, duro, reto. Frio.

Quis mexer os maxilares, mas estes não se moveram um centímetro sequer. A boca permanecia aberta, paralisada, e a língua repousava em seu canto, inerte, rodeada pela mandíbula morta.

O máximo que a mulher conseguia fazer com a própria língua, usando todas as forças de que dispunha, era deslocá-la de um lado para o outro da boca não mais do que um mísero centímetro.

Um mísero centímetro...

E sua mandíbula sequer se movia. Não havia *COMO* movê-la.

Girou os olhos, descrevendo alguns semicírculos. Viu o tubo de vidro, incompleto, indefinido, à esquerda, e em seguida viu a navalha suja de vermelho.

Sentiu o aroma adocicado do sangue. Podia ser dito que chegava até mesmo a *VER* o aroma do sangue. Via a afinidade, o apetite, a estranha ânsia que o sangue lhe despertava.

Um ímpeto a fez procurar engolir saliva, mas sua boca estava completamente seca, e apenas agora ela percebia há quanto tempo encontrava-se paralisada. Uma crosta grossa e dura já tinha substituído a pele macia dos lábios.

Sua boca parecia a terra agreste dos desertos, assolada pelo estio.

Percebeu alguns ruídos que vinham de longe, muito longe. Tênuos buzinas de carros e roncões de motor. Estes e outros obscuros sinais de civilização.

Sem querer, acabou prestando atenção na parede escura, cinzenta, que se desenrolava em sua frente, como uma inóspita e desértica paisagem. Movendo os olhos de cima a baixo, de lado a lado, era só o que era possível ver – uma superfície borrada, indefinida, como uma névoa estática que cobre o relevo ao longe.

Perto, havia o tubo de vidro, quase escapulindo do alcance da visão. Um demarcador de fronteira entre a muralha feita de fumaça imóvel, adiante, e o que ela não podia ver além disso, à sua esquerda.

Perto, do lado oposto, havia a faca.

A lâmina suja de sangue.

Coberta de sangue.

Sangue.

Vermelho.

Limpo.

Vivo.

Móvel.

Glóbulos vermelhos, saltitantes, irrequietos, quentes.

Saborosos.

...

De novo ela sentiu a coceira nas gengivas. Era como se seus dentes, *alguns deles*, ganhassem vida própria sempre que seus olhos topassem com a mácula escarlate na lâmina da faca simples, serrilhada, com cabo de madeira, do tipo que geralmente pode ser adquirido em jogos de talheres, nos supermercados que há por aí.

Seus dentes, alguns deles, eles vibravam, oscilavam, de leve, sempre que ela enxergava o sangue coagulado, estampado na faca.

E ela soube que estes mesmos dentes reagiriam de forma *muito mais agressiva* caso este mesmo sangue, já morto, estivesse de fato vivo, com suas hemácias, linfócitos, leucócitos, plaquetas, glóbulos e corpúsculos, e sabe-se lá que outros tipos de partículas, disparando de cá para lá, seguindo os passos do ritmo dançante da pulsação humana. Soube disso *ao ter imaginado* que aquele sangue estava vivo, o que ocorrera há pouco, e quase tinha feito seus dentes saltarem de sua boca, feito pregos que, ao serem pregados com força, trespassam o diâmetro todo de uma viga de madeira, perfurando-a e surgindo, pontudos, agressivos, indomáveis, do outro lado.

Ela sabia que não havia vida naquele sangue, e sabia o motivo pelo qual seus dentes estremeciam assim que colocava os olhos sobre a faca.

A mulher era um vampiro.

E era apenas natural que seus dentes, tais como pregos afiados, perfurassem as gengivas, e que, tais como bússolas, apontassem

freneticamente o caminho que seguia para o norte, a terra prometida feita de carne e sangue.

Era apenas natural que soubesse onde estava e *O QUE DIABOS ESTAVA ACONTECENDO!*

Apenas natural.

...

Nada naquele dia, *naquela noite*, contudo, parecia ser apenas natural.

Engolir, girar a cabeça por cima do pescoço, virar de lado na cama, lamber os beijos, tamborilar com os dedos das mãos nos lençóis de cetim, mexer os dedos dos pés, ver a mesa verde – se é que havia mesmo uma mesa verde ... o que mais?

O que mais não podia ser feito...

O QUE MAIS ELA NÃO PODIA FAZER NESTE DIA, NESTA NOITE TENEBROSA, MISERÁVEL?

...

Sentiu uma leve enxaqueca, alfinetes invisíveis espetando em algum ponto de seu cérebro.

Tinha que pensar. Relembrar fatos. Concentrar-se.

Acessou arquivos que jaziam escondidos nos velhos armários de sua memória. Revistando os registros, viu fotos imaginárias de uma bela moça, ela mesma. O corpo pequeno e esquivo, envolto por trapos representando pobreza em preto-e-branco. A estatura mediana. A dor e a fome.

Quando mortal, fugira de uma casa enorme, verdadeira mansão, habitada por ela, filha única, e pelo casal que a havia colocado no mundo, seu pai e sua mãe. Tivera dinheiro, bonecas caras, um quarto gigantesco, criados, tudo o que uma criança poderia querer.

Só não tivera infância.

Seu pai e sua mãe vivos, políticos, advogados, empresários, fazendeiros, especuladores, enfim, donos de uma infinidade de posses, bebiam, brigavam e discutiam durante o tempo em que estivessem juntos em casa. Agrediam-se verbal tanto quanto fisicamente. E a ignoravam tanto quanto podiam. Parecia que sequer sabiam de sua existência.

E sequer souberam de sua existência, mesmo quando ela começou a usar as seringas.

Não se lembrava direito da época, nem da duração da experiência, mas tinha absoluta certeza de que, se o medo e o tédio, a indiferença e a tristeza tinham dominado metade de sua vida, as drogas tinham consumido a parte restante. Ignorada pelos pais, intransigente com os empregados, ameaçando demiti-los, prendê-los, matá-los, ela havia sido a personificação cabal de uma impiedosa górgona adolescente. Verdadeira víbora, odiando a tudo e a todos, acabando com vidas por debaixo dos panos, destruindo a si própria nos bastidores de um teatro macabro e grandioso de dinheiro e

escândalos escondidos, escrito, dirigido e interpretado pelos grandes astros que eram seus pais vivos.

Pais outrora vivos, agora mortos.

Não conheceu seu *pai morto*.

Conheceu apenas *a seringa*. Suja de vermelho, velha talvez. Usada por alguém... Alguém que tinha *o poder da morte-vida*.

Havia passado dias e noites no escuro, sem poder mais ingerir álcool ou picar-se, nem cheirar, inalar, aspirar, sorver... atitudes que tinham passado a ser hábitos naqueles seus últimos anos como viva. Vomitava tudo o que comesse, bebesse, cheirasse ou que de outras formas insólitas introduzisse dentro do próprio corpo. Suava, e esperneava, e gritava de dor, e queria se matar, e também queria matar a todos os que tentavam impedi-la de se matar. Sofria com queimaduras na pele durante o dia e crises de abstinência noturna, além de dores profundas e constantes em ambos os períodos. Dores profundas e constantes de cabeça, nos braços, nas pernas, cólicas, hemorragias, dores de dente *em todos os malditos dentes*, febres, quedas de temperatura, dores de todos os tipos em todas as partes do corpo. Queria matar um por um todos aqueles médicos, ginecologistas, enfermeiros, pediatras, pederastas, psiquiatras, psicólogos e psicopatas, e todos os outros *FILHOS-DA-PUTA* que tinham sido contratados por seus pais para “lidar com o pequeno problema de sua filha”, profissionais dedicados, gênios da medicina, porcos desgraçados que a tinham amarrado, sedado, anestesiado... e ao final de tudo, desistido, incapazes de resolver o grave problema daquela menina.

Porcos desgraçados, e burros, que não conseguiam acreditar na louca verdade gritada por uma das criadas, a mais religiosa de todas. “*Ela virou um monstro da noite!*”, vociferava a crente, “*Cristo Jesus! Ela está comendo carne crua, e tomando sangue!*”

“*A pele dela está pegando fogo sempre que ela fica no sol!*”

“*Os olhos dela mudam de cor!*”

“*Seus dentes! Os dentes dela estão pontudos, todos eles!*”

“*Ela está endemoninhada! O diabo está dentro do corpo dela!*”

Os médicos e especialistas tinham levado em consideração todas as frases acima, exceto a última, em seus diagnósticos quanto a uma certa “patologia rara, não especificada em qualquer literatura especializada”.

A última frase da tal criada tinha sido levada em consideração apenas pelo seu pai, ao ter este a demitido, taxando-a de louca e retardada.

Ora, demônios... possessão demoníaca, satanismo, o fogo do inferno, a perda da alma, a danação eterna. Tudo isso é bobagem. Vampirismo é um mal muito real e natural, uma doença que acaba servindo de cura para todas as doenças, até mesmo para a morte.

Seu pai tinha até um pouco de razão em ter demitido a empregada. Não que ele, ou alguém desconfiasse da verdadeira natureza da doença que acometia a filha.

Descobriram tarde demais que, em suma, não se tratava de uma doença de fato. Lembrava mais uma espécie de carência, ou abstinência, fazendo jus a um termo já usado anteriormente.

Abstinência de sangue. Sede de sangue noturna.

“Ela virou um monstro da noite!”

Desnecessário dizer que ela acabou matando pai e mãe, e mais algumas pessoas.

Bem, na verdade, foram muitas pessoas. Muitas mesmo.

No início, chorava feito louca ao ver os crimes consumados, as mãos, os dedos estranhamente mais compridos que o normal, os pontos de conexão entre as falanges incrivelmente inchados, as unhas compridas, a pele pálida. Os dedos crispados como garras, cobertos de sangue e pedaços de carne, pele, cabelo.

Os corpos agonizantes estendidos no chão, na lama, na relva, em todo lugar.

No início, a sede era tamanha que ela chegava a rasgar a carne, arrancando-a dos ossos, engolindo nacos inteiros. O sangue dos vivos jorrava pelo chão, coagulando e enlameando tudo. Parecia um monstro predador voraz de outro planeta. Bastava que visse os vivos, e que estivesse com sede.

E sempre parecia estar com sede.

Mais tarde, aprendeu a controlar certos aspectos da metamorfose e da sede, e a aceitar melhor o que havia acontecido. Foi aconselhada e tutorada por outros membros de sua espécie. Outros doentes. Outros endemoninhados.

Descobriu que era o sangue, e não a carne, que a alimentava de fato, se bem que isto era o óbvio, desde o princípio. Os livros, a mitologia não estava errada. Vampiros alimentam-se de sangue, de fato e de direito. Era ela a louca, a vampira complexada e lunática que não queria acreditar no que era certo. E por isso, acabou matando muito mais do que devia, e chorando lágrimas de sangue sobre uma infinidade de cadáveres.

Eles, os doentes endemoninhados, coexistiam em uma sociedade bastante organizada, regida por condutas e tradições herdadas de outros, e aperfeiçoadas por eles próprios, no decorrer de séculos e milênios de evolução. Era uma sociedade constituída por poucos integrantes, que raramente se encontravam, e que pouco dialogavam. Cada grupo tinha o seu território de caça, e visitas indevidas de um determinado indivíduo ou grupo ao território de outrem poderiam ser recebidas com um breve debate, uma advertência, ou mesmo serem punidas com a morte.

Cartas e manuscritos, muitos dos quais escritos em linguagens arcaicas, substituíam a palavra falada, que só era empregada em breves acordos tácitos, quase eternos, os quais estabeleciam fronteiras, demarcavam territórios, proclamavam repúblicas e erigiam reinos, redesenhando toda a geografia dos vivos, dividindo países em muitos

estados e distritos, ou então unificando continentes inteiros sob o domínio de um único suserano.

Um destes doentes malditos, talvez a pessoa mais bondosa que ela já havia conhecido durante sua vida inteira, foi quem a auxiliou na morte.

O veterano. Um homem grande, de pele escura e musculatura delgada, porém saliente.

Ele a havia encontrado em uma noite “*daquelas*”, ela bem podia se lembrar. Naqueles tempos, ela estava sendo caçada pela polícia, e muitos jornais já faziam menção de uma espécie de vampiro em suas manchetes de capa. “*Vampiro ataca novamente*”, “*O Vampiro da Cidade Tal*”, diziam eles, enquanto outros brincavam com a verdade, usando os recursos do sensacionalismo barato: “*Caça às Bruxas*”, “*O Estripador está à solta*”, “*Cuidado com o Monstro*”, “*Mulher Demônio é vista outra vez*”, etc., e etc.

Em uma de suas muitas fugas frustradas, em que ela acabou sendo perseguida por uma numerosa força-tarefa policial, tendo sido impiedosamente morta com uma dezena de tiros e levada para o necrotério – pois era muito fácil para ela fingir-se de morta, enganando os vivos – foi que viu o veterano pela primeira vez.

Assim que ela livrou-se do saco plástico em que seu corpo morto cravejado de balas havia sido acondicionado, empurrou o compartimento deslizante do *freezer* e arrastou-se para fora da câmara congelante, acabou topando com aquele grande homem, uniformizado, disfarçado de modo a parecer um funcionário do local.

A princípio assustou-se, e a seguir ameaçou-o, rosnando e gritando. Foi recebida com um único tapa que a projetou sobre uma mesa móvel, derrubando ambas e tudo o que houvesse por perto, fazendo um escarcéu de instrumentos e peças metálicas, além de balas, quicando pelos azulejos do piso. Isso, e alguns dos ossos da jovem partidos, que acabariam sendo regenerados mais tarde.

“*Siga-me.*”, havia dito o homem. Virando-se e partindo pela porta aberta da saída, onde dois outros homens e uma mulher também uniformizados jaziam, os pescoços quebrados, os corpos deixados a esmo por aí.

No dia seguinte, os jornais tinham reproduzido em suas manchetes, cada qual à sua maneira, o “*Corpo levado do Necrotério, na calada da noite*”...

A partir de então, sua morte-vida mudou.

O veterano a ensinara muitas coisas.

É claro que, a princípio, ela tentou opor alguma resistência aos ensinamentos de seu novo mestre. É normal que os jovens sejam assim, rebeldes.

O veterano era um professor rigoroso, e ela acabava sempre sendo repreendida por sua rebeldia.

O problema maior que tinha era a natureza um tanto ou quanto cruel, por assim dizer, de tais reprimendas. Podia ser dito que, “*no decorrer de sua vida como morto*”, seu novo tutor havia adquirido alguns conhecimentos um tanto ou quanto excêntricos a respeito da anatomia do corpo humano. Por exemplo, era especialmente digna de consideração sua habilidade e destreza no trato com os ossos, uma vez que ele conseguia deslocá-los e parti-los, por assim dizer, com sofisticados movimentos de suas grandes mãos, sem causar nenhum dano maior na pele e nos músculos do paciente.

Doía muito, por assim dizer...

No primeiro ano de convivência com o veterano, a moça era bastante rebelde, e muitos dos ossos de seu corpo foram partidos, deslocados, e ocorreu até mesmo a remoção, e posterior devolução de alguns deles. Afinal de contas, seu mestre vampírico tinha um grande coração, e sempre devolvia as coisas que dela escondia ao puni-la.

“*Ossos SEMPRE regeneram*”, dizia ele.

Muito piores eram as punições com fogo, eviscerações e “*inviscerações*”, trocas de órgãos, empalações no coração de modo a paralisá-lo, estagnando o fluxo do sangue pelo corpo e impedindo os movimentos – por algum motivo obscuro, vampiros não conseguem se mover caso o sangue pare de circular pelos seus corpos – além das exposições prolongadas de partes do corpo à luz solar. Algumas das “*tatuagens*” que ela tinha nos braços e pernas tinham sido criadas por intermédio de uma conjunção destas duas últimas terapias. Ela nem gostava de lembrar dos dias inteiros em que passara com pequenas áreas do corpo descobertas, sendo continuamente alvejadas pelos raios do sol, sem que pudesse se mexer ou gritar, em virtude de um enorme parafuso de madeira ter sido estrategicamente posicionado em seu coração.

Isso doía muito mais do que ter ossos deslocados, diga-se de passagem. E deixava marcas.

“*Pele queimada de sol NUNCA regenera*”, dizia o veterano.

Logicamente, seu mestre empregava estas punições mais severas apenas nos momentos em que ela fazia coisas muito erradas, como tentar fugir, ou dizimar algumas dúzias de crianças em um jardim da infância...

Seu mestre era uma pessoa muito boa, e não gostava de aplicar tais punições. Mas era um mestre na arte punitiva, e lançaria mão de suas aptidões especiais sempre que se fizesse necessário.

Afinal de contas, ela era uma vampira, e não um monstro assassino procurado pela polícia de países inteiros.

“*Vampiros NUNCA são procurados pela polícia.*”

Levou algum tempo, mas enfim a jovem vampira aprendeu como as coisas funcionavam, e as notícias nos jornais foram se tornando mais amenas. Ela descobriu que malcriações no mundo dos vivos apenas serviam para dificultar as coisas, e que o método, a calma, a perseverança e o autocontrole

eram virtudes que rendiam muito mais sangue, de melhor qualidade, e com um mínimo dispêndio de energia.

Com perseverança e autocontrole, aliados a um rigoroso treinamento, passou a dominar as capacidades especiais que a morte-vida havia despertado em seu corpo. Ouvir sons distantes, e focalizar apenas o que se deseja ouvir. Encontrar coisas e pessoas através do cheiro. Distinguir a vida da morte, e perceber o movimento e o calor do sangue dos vivos, mesmo através de paredes finas. Manipular mentes. Seduzir...

“Vampiros SEMPRE são desejados. Eles NUNCA tomam o sangue dos vivos à força.”

Passou a frequentar festas e certos eventos sociais menores. Particularmente, sua maior predileção eram os cassinos. A excitação correndo solta no ar. As risadas gostosas, os vinhos finos. Os jogos divertidos, carteados, apostas, pilhas de fichas, a sorte grande... a miséria em um lance. Os dados rolando, sendo chocados uns contra os outros, suavemente, sobre a mesa grande, verde, sem contornos, indefinida... Façam suas apostas!

Cassinos e salões de jogos são ótimos locais de diversão para os vampiros, uma vez que aliam um ambiente escuro...

“Lugares claros demais NUNCA são bons. Prefira os mais escuros.”

... ao que há de mais corrupto, desagradável, medíocre, mesquinho, falso, desprezível, hipócrita, em suma, a nata da sociedade humana. Ricaços afloram com seus carrões conversíveis e negociatas insólitas, desfilando a pretensão da última moda, e jogando dinheiro para o alto. Enriquecendo ou empobrecendo um pouco, ou terminando na mais completa miséria da noite para o dia, em uma única rodada de roleta.

Um excelente ambiente para vampiros sedentos de sangue e de dinheiro, segundo o veterano, uma vez que vampiros só podem... digamos, trabalhar à noite. Uma ótima pedida que rendia carteira e barriga cheia, além de um certo *status*, bastando para tanto que se soubesse tirar o devido proveito da situação.

Suas preferências tornaram-se similares às de seu mestre, no concernente aos locais de repasto. Entretanto, ele tinha uma predileção por vítimas do sexo masculino que a princípio a deixava constrangida. Ela era uma mulher, e preferiria transar com homens, caso estivesse viva. Não sentia nenhuma atração por mulheres, imaginava. Segundo seu mestre, essas opções poderiam mudar conforme o tempo passasse. Ela descobriu mais tarde, contudo, através de leitura e pesquisa esporádicas, que o sangue humano masculino tende a ser rico em certos hormônios tipicamente masculinos, como a testosterona, substâncias estas cuja produção cessa no organismo transmutado dos vampiros. Segundo as várias literaturas que tinha consultado...

“Leia e estude SEMPRE. Somos os legítimos herdeiros e mantenedores do conhecimento e do patrimônio histórico humano.”

... aliadas às próprias convicções, parecia ser natural que a virilidade física de vampiros do sexo masculino tivesse de ser mantida através de métodos mais heterodoxos, como a ingestão de hormônios masculinos, que pareciam ser facilmente encontrados no sangue de homens viris.

Ela só não conseguia entender por que os homens que o veterano escolhia pareciam ser todos homossexuais...

Mas isso não vem ao caso. A certa altura, ela própria acabou se alimentando de mulheres. No fim das contas, o sexo de uma presa *NUNCA* importa. Vampiros são vampiros, e o que interessa são os litros de sangue, saborosos litros de sangue, dentro das carcaças humanas.

Sangue vermelho. Quente.

Sangue sujo de álcool era um problema.

Sangue doente, rico em micróbios, bactérias, vírus, os quais a diferenciada fisiologia vampírica acabava exterminando de pronto, automaticamente.

“Vampiros NUNCA pegam doenças de humanos.”

Sangue pobre. Hemofílicos. Diabéticos. Anêmicos.

Sangue intoxicado.

...

Sangue sempre vermelho. Sempre quente. Sempre saboroso.

Vermelho.

Diferente do cinza que via agora.

Diferente do negrume do sangue coagulado, salpicado na lâmina da faca, à sua direita.

...

“O que estava acontecendo?”

Fechou os olhos, e procurou concentrar-se mais. Manipular o sangue que ainda havia no corpo. Conclamar as forças, os poderes que o sangue havia despertado dentro de si, as técnicas ensinadas por seu mestre.

Abriu os olhos, mas a visão não se fez real. As lentes de sangue, que tudo vêem, não se materializaram. Seus ouvidos não se aguçaram. Sua mente não transcendeu os limites do corpo. E a pobre mulher continuou isolada, cercada pelos limites e barreiras superficiais impostas pela carne.

Continuava a ver apenas a névoa estática e cinzenta, escura, e a faca suja de sangue velho, e também a silhueta do frasco de vidro que quase sumia de vista.

A visão maleável, os mil olhos do corpo, que em um relance revelam a imagem de tudo e de todos que possam estar à sua volta... Os ouvidos do morcego, que de um golpe permitem tocar tudo e todos em uma ampla área, revelando contornos e superfícies, projetando na imaginação uma composição tridimensional completa de todo um ambiente... O toque do espírito, que examina mentes, descobre intenções, sonda auras e mostra as vítimas mais suscetíveis...

Nada disso funcionou. Nenhum destes poderes ancestrais. “Tudo e todos” que pudessem estar em seu redor continuou sendo apenas um vazio cinza.

E havia algo ainda pior.

Ela fechou os olhos, tentando concentrar-se, evitar o pânico.

O sangue.

Vermelho.

O vermelho do sangue havia desaparecido de seu corpo.

Seu sangue não respondia aos seus comandos.

Seu sangue não pulsava.

Seu sangue não *vivia*.

E seu corpo...

SEU CORPO PARECIA TER DESAPARECIDO!

* * * * *

A mulher abriu os olhos, assustada.

Piscou algumas vezes. Estava claro, novamente.

Sentia-se tonta, a vista estava embaçada, as imagens em redor turvas.

Estava fresco. Uma brisa suave batia em seu rosto.

Ouviu um ruído. Uma porta sendo aberta. Dobradiças velhas estalando e rangendo.

Sons de carros, buzinas, bem ao longe.

Passos.

Passos, botas ou tênis ou sapatos ou pés descalços pisando, caminhando. Aproximando-se.

Uma voz.

– Ah! Você acordou.

Uma voz rouca, de homem.

Sentiu um toque. Surpresa, percebeu que uma, duas, três... uma série de coisas pontudas, macias, arredondadas, tateavam sua cabeça...

Dedos?

– Você é o meu troféu...

... tentando agarrá-la. Agarrando, erguendo, elevando, puxando sua cabeça para cima, e girando-a sobre o pescoço.

PUXANDO SUA CABEÇA PARA CIMA, E GIRANDO-A SOBRE O PESCOÇO!

Muito... rápido. Rápido demais! Trinta, sessenta, noventa.. cento e oitenta graus. Meia volta volver!... e mais do que isso. Sua cabeça sendo completamente deslocada, dando um nó no pescoço!

Instintivamente, a jovem fechou os olhos, sentindo uma espécie de náusea.

CRISTO JESUS!

...

Concentrar-se. Concentrar-se. Concentrar-se. Ignorar a dor. Ignorar a dor. Ignorar...

QUE dor?

...

Um solavanco, seguido por um baque. E, novamente, ausência de movimento.

– Calma, criança! Não tema.

Abriu os olhos de novo.

Sentia-se ainda mais tonta, a vista estava mais embaçada, as imagens em redor giravam.

E, *Deus*, como havia imagens ao seu redor.

Piscando algumas vezes, ela viu...

Uma sala, ou um quarto, semi-retangular. Paredes e teto pintadas em um tom pastel, cor creme, alvo, semelhante ao bege. As superfícies davam a impressão de estarem sujas em alguns pontos – pensando bem, estavam sujas em MUITOS pontos, imundas mesmo, e não era impressão não. Tinta descascando ali. Rachaduras acolá. Tudo encontrava-se em um péssimo estado de conservação.

Um par de lâmpadas fluorescentes compridas, dispostas em paralelo uma em relação à outra, em uma armação metálica prateada, bastante rudimentar, desciam do teto. O suporte estava suspenso...

QUE dor?

... por quatro correntes cinzentas, finas e curtas, com não mais do que dez centímetros cada. Atrelado entre os elos de uma das correntes estava um cabo de alimentação elétrica negro, cujo extremo mais alto metia-se por dentro de um furo grosseiro feito no teto.

As lâmpadas eram bem potentes.

Uma janela de madeira, também bege, trancada. Tampas venezianas, com suas fasquias cobertas em parte por meia dúzia de largos sarrafos sem pintura, ali pregados de forma a vedar a janela de dentro para fora, permanentemente.

Não havia nenhuma parte corrediça na janela, onde são afixados os vidros, e isto até poderia justificar a brisa suave e fresca em seu rosto, caso houvesse alguma outra passagem por onde o ar que entrava pudesse sair.

QUE dor? O pescoço... quebrado...

Uma mesa pequena e tosca, de madeira, que não era verde como as grandes mesas forradas dos cassinos nem tinha nada de suntuoso, estava posicionada bem para o lado onde seu nariz apontava naquele instante, debaixo da janela e rente à parede.

Havia coisas sobre a mesa. Muitos objetos, e nenhum deles lembrava dados, cartas ou fichas de apostas. Frascos de vidro tampados com rolhas,

ordenados metodicamente, cada qual parecendo ter um tamanho, uma forma, e estar armazenando um conteúdo diferente do outro. Substâncias em estado aparentemente líquido, em uma ampla gama de cores, podiam ser vistas nos frascos.

Também podiam ser vistos tubos de ensaio, bem menores que os frascos, dispostos em fileiras nos seus suportes característicos, por sobre a mesinha. Como acontecia com um que outro dos frascos maiores, alguns dos tubos de ensaio estavam vazios.

Passos.

Um vulto passou caminhando, cruzando a salinha, vindo de um canto à direita e dirigindo-se para um outro canto, no lado oposto da sala. Os olhos da jovem acompanharam a pessoa, e ela fez menção de girar a cabeça...

QUE dor? O pescoço... quebrado...

... sobre o pescoço...

QUE PESCOÇO?

... para ver aonde este se dirigia.

O pescoço...

QUE PESCOÇO? CRISTO JESUS, PAI SANTÍSSIMO!

“seu pescoço está em outro lugar...”

... não se mexeu, e a cabeça permaneceu estacionada em seu lugar, com alguma coisa debaixo de seu queixo, e em redor, cercado, *apoiando* a parte de baixo de sua cabeça. Algo sólido, duro, reto. Frio.

– Não adianta tentar se mover – disse a voz de homem que ela já ouvira antes. – Você não vai conseguir.

O pouco que ela conseguiu ver daquele seu estranho interlocutor revelou uma indumentária típica de enfermeiro, ou médico. O uniforme semelhante a um guarda-pó, branco. A máscara branca atada no rosto. Algo sendo carregado por mãos cobertas com luvas de borracha, uma coisa estranha.

Uma... mão.

E mais nada.

...

A mulher piscou os olhos, e depois os arregalou.

Uma MÃO!

“sim, uma mão... SUA mão”

Sua boca continuava aberta. Sua língua continuava não podendo se mexer além de um centímetro, lá e cá, dentro de sua boca. Suas gengivas continuavam coçando.

QUE PESCOÇO?

UMA MÃO?

Ela queria gritar. Queria se mexer. Queria usar seus poderes. A força prodigiosa, a velocidade sobrenatural, que o sangue humano concedia. Queria levantar sair correndo saltar sobre a pessoa que ali estava estraçalhar

seu pescoço seus braços seus ossos seu corpo inteiro sair correndo arrombar a porta com um chute sumir de vista, tudo isso em cinco segundos, ou até menos, quem sabe,...

Silêncio. Nenhum som.

“Esqueça.”

... como já tinha feito antes.

Uma MÃO! Ele estava carregando UMA MÃO!

Hã?

“Jamais poderá usar seus poderes de novo.”

O quê?

Alguma coisa estava errada. Seus pensamentos.

“Não, MEUS pensamentos.”

...

“Sei que você está curiosa e quer saber o que está acontecendo...”

Ruídos dilacerando o silêncio.

Coisas sendo puxadas, ou empurradas.

Olhos arregalados, apontando para todos os lados, procurando ver o que estava acontecendo.

Terror.

Pânico.

Horror.

Nenhuma dor. Nenhuma sensação.

“... mas não há tempo para isso agora.”

Uma voz ecoando dentro de sua cabeça. Suas têmporas latejando.

QUE PESCOÇO?

Ele estava carregando UMA MALDITA MÃO!

“Você saberá, em breve, minha criança.”

Um movimento, brusco.

Toque. Alguma coisa tocando sua cabeça.

Escuridão.

“Por enquanto, é melhor que você durma um pouco.”

...

Escuridão. Abafada escuridão. Algo envolvendo sua cabeça. Um... tecido... Não... Um saco plástico.

A noite... o dia.

O sono.

A paz.

A quietude.

A inércia.

O esquecimento.

* * * * *

A mulher abriu os olhos outra vez, e outra, e mais outra.
Estava claro, novamente. Na verdade estava claro demais...
Passou a sentir-se tonta, os olhos começavam a arder, as imagens em
redor iam ficando turvas, pouco a pouco perdiam nitidez.
Estava quente. Vento batia em seu rosto.
Não havia mais ruídos.
Estava surda.
Estava muda.
Estava começando a ficar cega.
E talvez estivesse começando a ficar louca...
... ou talvez já estivesse louca há bastante tempo.
Lembrou-se das palavras ditas por aquele homem misterioso.
Aquela criatura horrenda.
UM OUTRO VAMPIRO?
Lembrou-se de quando sua cabeça estivera coberta por um saco
plástico. Um saco de lixo.
Lembrou-se de como os ruídos tinham estado abafados e as imagens
turvas naquela ocasião.
*... apenas um espaço vazio, escuro, cinzento, como uma parede que
começa em um dos cantos da vista e se estende até ter atravessado todo o
campo de visão. Ocupando tudo. De lado a lado, de cima a baixo...*
Os passos, as coisas sendo jogadas, chocando-se umas com as outras
como dados em uma mesa de jogo.
Lembrou-se de quando sua cabeça estivera livre. A luz fluorescente
acesa, e depois apagada. A claridade, e depois a escuridão. Olhos
acostumando-se com a escuridão. O frasco de vidro que seus olhos mal e
mal podiam alcançar, à esquerda. A faca coberta de sangue...
“Aquele era o seu próprio sangue...”
... e a estranha névoa cinzenta, escura. Na verdade, a neblina cinzenta
não era nada além de uma das paredes da sala onde ela tinha sido mantida
cativa. Por quanto tempo, nem ela sabia determinar. E o homem...
A criatura.
SERIA UM SER HUMANO?
... não permanecera ali por tempo suficiente para que ela pudesse tê-lo
indagado a respeito.
“Não adianta tentar se mover.”
A faca coberta de sangue coagulado.
“Seu próprio sangue, unido ao meu.”
As memórias de um terrível passado como humana, glorioso como
vampira, retornavam.
Simples passado.
Agora, não passava de uma cabeça separada de um corpo.
O homem misterioso...

A criatura vil, a besta.

UM CAÇADOR?

... havia lhe contado os pormenores mais importantes. Prestara-lhe os devidos esclarecimentos. Dissera-lhe o que tinha estado acontecendo desde aquele primeiro dia, em que acordara com sua cabeça embrulhada em um reles saco de lixo, vendo escuridão e ouvindo sons abafados.

Como o homem justo que dizia ser, *a besta maldita* dissera-lhe a verdade.

Uma verdade horrenda, bestial.

NÃO... NÃO ERA UM CAÇADOR...

As memórias voltavam, como ondas frias que são lançadas contra a costa.

“Alimento-me de sangue, como os integrantes de sua espécie”, começara ele, *“porém minhas origens são diferentes, tanto quanto o tipo de sangue do qual me alimento.”*

“Na verdade, não passo de um simples humano, cujo comportamento corporal foi alterado devido a algo que muitos poderão classificar como uma doença bizarra e crônica, mas que eu prefiro qualificar como uma intervenção divina.

“Alimento-me de sangue, o doce, o reforçado sangue dos vampiros.

“Tudo começou há mais ou menos um ano. Comecei a passar mal, sentir enjoos e tonturas que comprometiam minha profissão e minha vida real. Eu era um médico, e cirurgias eram a minha especialidade. Mas, cirurgias devem ser executadas com destreza e precisão, e a instabilidade que passou a atacar meu corpo – em particular minhas mãos – colocava não só minha carreira em perigo, como vidas em jogo.

“Fui obrigado a afastar-me de minha profissão. E mais tarde, eis que meus familiares me conduziam a um hospital, desta vez como paciente. Outros médicos, alguns deles meus conhecidos, pessoas de extrema capacidade em suas funções, pessoas confiáveis... eles fizeram seus exames em meu corpo. Usaram técnicas avançadas, métodos inovadores, sofisticados aparelhos de diagnóstico.

“Para nada serviu toda a parafernália eletrônica e o talento dos mais renomados especialistas. Segundo o que descobri mais tarde, em duas semanas eu passei ao coma profundo, e logo a seguir estava morto. E ninguém soube explicar o que havia acontecido comigo.

... uma certa “patologia rara, não especificada em qualquer literatura especializada”...

“Os relatórios médicos que encontrei após minha morte, ao ter vasculhado os documentos dos hospitais revelaram o que eu já estava sabendo: extensos palavreados técnicos, que podem ser simplificados como constantes paradas cardíacas e fluxo sanguíneo anormal, por assim dizer. Hemorragias intencionais. Meu sangue saía e entrava dos vasos sanguíneos,

e atravessava os demais tecidos do corpo, quando bem entendesse. Saía sangue do corpo o tempo inteiro, pelas fezes, urina, por intermédio de vômitos, e em alguns casos pelos ouvidos e narinas, e até pela pele. E havia ainda as crises de febre, seguidas de agudo resfriamento corporal. Dores, devaneios, o coma. A ausência de infecções.

... Ela está endemoninhada! O diabo está dentro do corpo dela!...

“Há de se convir que não existe prospecto estabelecido na medicina atual para semelhante série de sintomas. Existem várias doenças cujos indícios, se somados, acabariam resultando em uma patologia similar, porém é praticamente impossível que todas venham a ocorrer juntas. Não há organismo que possa resistir a um fogo cruzado tão intenso, isso sem contar que muitas doenças apresentam a peculiaridade de anularem-se umas às outras.

“Não culpo meus colegas, médicos. Eles não teriam subsídios para definir o mal que me acometia, nem mesmo em parte. E sequer tiveram tempo para iniciar estudos mais amplos a respeito. Minha família no mundo dos vivos, sem querer, acabou me ajudando. São bastante religiosos. Necropsias estavam fora de cogitação, e isso só favoreceu o meu retorno ao mundo dos vivos.

“Com a dádiva que recebi, não foi difícil sair do túmulo, no cemitério. No estado em que me encontro, os mortos sempre acabam me ajudando de alguma forma.

“Enfim, livre, caminhei pelo mundo. Deixei meu país de origem por estar meu nome ainda envolvido com notícias e processos judiciais naquele local. Senti alguns remorsos para com minha família, se bem que o comportamento deles estava persuadindo escândalos e conflitos entre as éticas médica e religiosa. Não havia tempo nem razão para que sentisse remorso, ou saudade, quer de crentes moralistas, quer de técnicos e sábios. Minha nova vida, bem sei, tem hora e local marcado para terminar.

“Passei meses vagando pelo continente, até que encontrei este lugar, onde pude aliar meus antigos conhecimentos em cirurgia aos diversos outros que a dádiva me concedeu. Sou a soma de diversas mentes. Mentes de gênios e de ignorantes, e mesmo as vagas mentes de muitas criaturas inferiores, mamíferos como ratos, cavalos, cães, gatos, cada qual com personalidade, sentidos e instintos típicos. Tenho habilidades incomuns, algumas até sobrenaturais, mas o corpo que atualmente uso não passa de uma casca, um reservatório para o que realmente importa – o sangue.

“Sou o sangue, e o sangue é a dádiva. É ele que me permite andar, respirar, estudar e compreender, mesmo depois de morto. Sim, pois estou morto. O sangue, a dádiva impede que este corpo se deteriore, por enquanto. E em troca, este corpo morto trabalha e estuda, visando engrandecer a dádiva ainda mais.

“A dádiva exige que eu estude, e que eu me alimente, e que permaneça vivo até o momento em que uma nova transmigração seja necessária. Por isso, fui escolhido.

“E vocês, os vampiros, são o objeto de meus estudos. E seu sangue é o fruto de que me alimento, que me faz permanecer vivo, sustentando a dádiva e permitindo que ela continue sua travessia, sua vida.

“Seres horrendos e sórdidos, mitológicos, são vocês, eu poderia dizer. Existem pelos séculos afora, roubando a vida de humanos, matando, destruindo famílias... Sim, eu sei que você é especial, minha criança. Sei que prefere os lugares onde a maior parte da mesquinhez humana se concentra, se bem que em minha concepção, herdada pela dádiva, a mesquinhez humana não exista, assim como a sordidez vampírica. Segundo a dádiva, humanos são os meios para que ela possa caminhar pelo mundo e aumentar seus conhecimentos sobre os vampiros. Humanos, e mamíferos terrestres em geral, e os outros seres de sangue quente, como as aves e os demais mamíferos, marinhos, saltadores, voadores, também não estão descartados, apesar do sangue ainda não ter estabelecido contato com nenhum destes. Os próprios répteis, anfíbios, peixes, todos estes poderão vir a ser acessados pelo poder dela, dependendo das circunstâncias e do aprendizado. A necessidade e a adaptabilidade sempre crescente da dádiva dirão quando tais criaturas poderão ser úteis na jornada em busca de conhecimento... e de sangue vampírico.

“Sim. Alimento-me do sangue dos indivíduos de sua espécie. Sou a doença que vocês nunca tiveram, e o estágio que os sucede na cadeia alimentar. É típico da natureza que predadores tomem conta do ambiente até que algo maior surja. E vocês foram os maiores predadores que já existiram sobre a terra. Sua extraordinária imunidade à morte e fantástico poder de regeneração só servem para elevar ainda mais o grau de importância de sua extinção em relação às outras frágeis criaturas do mundo. É absolutamente notável que uma simples reestruturação protéica a nível molecular possa transformar corpos vivos em carcaças aparentemente mortas, e desenvolver tamanha gama de sentidos, habilidades, poderes. É esplêndido – o estágio seguinte da evolução humana, o estágio seguinte da evolução da Terra.

“Alimentei-me de seu mestre, a quem você conhecia como o veterano. Alimentei-me também de outros que encontrei pelo caminho, pois, ao menos por enquanto, sou o único de meu tipo a caminhar pelo mundo, enquanto vocês perambulam por aí às centenas, aos milhares. Bilhões de humanos para milhares de predadores vampiros – milhares de vampiros, para mim, e para a dádiva. Há sempre muitas presas para poucos predadores. É assim que funciona o ciclo da vida.

A jovem não se lembrava exatamente das palavras que o homem, o médico, proferira. Mas, mesmo assim, tinha certeza do que tinha ouvido. Quer fossem essas ou outras, as palavras juntavam-se e em uníssono proclamavam

a nova e terrível realidade que passava a existir, a qual estabelecia que os vampiros não mais eram os seres supremos da Terra. Algo maior e mais poderoso surgira em virtude de novas mudanças protéicas ou por causa de alterações genéticas, raios gama, mutações, ou quem sabe tudo isso junto, misturado ao cruel toque divino.

A *dádiva* profana.

O *portador da dádiva* dissera que ela era uma das poucas vampiras que tinham escapado de seu toque mortal. Por ser ainda muito nova, e ainda possuir certa equivalência entre suas fisiologias humana e vampírica, ela seria uma cobaia perfeita para uma série de testes. Estudos que deveriam ser feitos, experiências a serem postas em prática, teorias a se comprovar.

E ele dissera mais.

Mumificado, paralisado, pelo efeito do sangue, da *dádiva*, seu corpo fora espetado por agulhas de seringas que inocularam muitos dos diversos preparados de diversas cores que ela vira nos frascos sobre aquela pequena mesa de madeira, e sugaram de volta sangue e resultados que foram depositados em outros frascos, que só fizeram aumentar ainda mais a variedade de cores da coleção de que faziam parte os primeiros. Amostras de sua pele, de seu sangue, e de tantos outros tecidos de seu corpo tinham sido extraídas para serem observadas através do microscópio, e banhadas em diversas luzes, e queimadas, e misturadas com outras coisas.

Mais tarde, dedos foram amputados, e a seguir membros, e órgãos...

No final, só restou sua cabeça de mulher. Ainda viva, graças às “*mudanças protéicas*”, e, certamente, à própria interferência da *dádiva*.

“*Você é o meu troféu...*”

A tudo isso a insensível encarnação da *dádiva* protagonizava e assistia, enquanto enchia cadernos com suas anotações.

Até o dia em que teve de partir.

Ali, uma cabeça imóvel, ela não sentia forças para esboçar qualquer reação.

Conseguia apenas lembrar do contato de algo sólido, duro, reto, com a base de sua cabeça. O frio mármore de uma prateleira, onde sua cabeça havia sido depositada, tal e qual um objeto ornamental exótico, uma relíquia.

“*Você é o meu troféu...*”

O Prêmio Nobel absoluto, incontestável, na categoria necrologia.

Segundo o *portador*, sua cabeça permaneceria ativa por um período de tempo indefinido. O cérebro não iria parar de funcionar, uma vez que os complexos sistemas nervosos humanos adquirem uma espantosa independência no decorrer da mutação vampírica. O cérebro ainda é o centro do pensamento, mas as demais partes do corpo passam a contar com inimaginável vitalidade, reagindo a estímulos externos mesmo após terem sido seccionadas e separadas dos centros nervosos principais do corpo. O cérebro ainda detém o controle da intelectualidade e do raciocínio, e de

tantas outras atividades neurais complexas, tipicamente relacionadas com o conceito de inteligência, ao passo que algo que poderia ser caracterizado como um instinto agregário extremo é acionado nos demais tecidos nervosos, pelo corpo inteiro.

Um dos fatores preponderantes, comprovado nos inúmeros testes que fizera, era a habilidade de regeneração dos neurônios, dissera *o portador* àquela cabeça obediente e inofensiva, outrora uma jovem e poderosa vampira. As células nervosas vampíricas, quando lesionadas durante os testes, iniciavam de pronto o processo de reabilitação, sempre auxiliadas por células e corpúsculos de outros tecidos, ou por outros neurônios. E um neurônio vampírico, tendo sido seccionado ao meio, logo deu origem a dois outros, como ocorre com muitos vermes e protozoários.

E a série de descobertas não terminava aí: um relacionamento novo, e mesmo uma nova atitude, passava a existir a nível celular, com o advento da metamorfose vampírica. As células dos diversos tecidos passavam a compartilhar certas funções umas com as outras, o que seria equivalente a dizer que umas ensinariam às outras os truques e especializações de cada uma. Um teste em especial com um certo tipo de tecido não nervoso, que fora isolado e mantido assim por algum tempo, revelou que uma das células mais centrais do tecido tinha passado a demonstrar funcionalidades típicas dos neurônios, parecendo coordenar a manutenção e a oxigenação do tecido como um todo. Em contrapartida, um neurônio isolado recrudescia, desenvolvendo adaptações em sua membrana e estrutura interna que o faziam assemelhar-se às células do epitélio.

Isso sem contar que, como costuma acontecer com os vírus, a total abstinência de alimento oriundo de fontes externas – leia-se “sangue” – parecia conduzir tais tecidos a uma atitude de redução de atividade cada vez maior. As células secavam e murchavam, encolhiam de tamanho e passavam a hibernar, até entrarem em contato com sangue, ou com alguma substância com características *muito* semelhantes ao sangue, preferencialmente quente. Quando isto acontecia, uma explosão de vida agia nas células, que podem permanecer em torpor por centenas de anos, e ainda assim regenerarem-se facilmente.

Semelhante versatilidade e independência celular servia para explicar a quase invulnerabilidade dos vampiros, o fato destes *quase* não respirarem – suas células parecem respirar, *e muito* – e... bem, talvez explicasse também porque certos vampiros são *tão feios* – as deformidades, pele caindo do rosto, o mau cheiro de alguns, que poderia ser resultado de tantas e tão frequentes compensações orgânicas em suas células.

Era certo dizer que vampiros são organismos versáteis. Colônias de células interdependentes tanto quanto independentes, incrivelmente ágeis e maleáveis.

É lógico que sua cabeça só permanecia assim, consciente, em

decorrência a uma interferência direta da *dádiva* em sua fisiologia. Imortalidade nem sempre é sinônimo de consciência.

Muito ainda faltava para ser descoberto.

Qual seria a real função do sangue nos vampiros, e a participação que o livre tráfego deste pelo corpo, por dentro e fora de veias e artérias, tem na fisiologia vampírica. Seriam as hemácias tão somente pacotes de nutrientes e oxigênio lançados como ração às vorazes células do corpo dos vampiros?

E como se explicaria a hipersensibilidade ao calor e à radiação solar, e aos danos no coração. E a típica pecilotermia... Por que os vampiros tinham *sangue frio*?

Faltava muito ainda a ser pesquisado, concluíra o *portador*.

A cabeça que já fora mulher tentou calcular quanto tempo aquele cientista maluco desgraçado tinha ficado enchendo seus ouvidos com aquele monte de teorias e conjecturas sórdidas, que talvez até estivessem certas, afinal ELA própria havia servido de cobaia aos experimentos. Tentou calcular também por quanto tempo tinha servido de cobaia, mas apenas um valor saltava em sua mente, confirmado pelo próprio médico...

“Tudo começou há mais ou menos um ano.”

E tudo acabaria em breve, tinha dito ele. Para ambos.

Ele acabaria. Seu corpo estava com os dias contados, pois a *dádiva* não garantia nenhuma espécie de imortalidade, ou durabilidade.

Morto ele, a *dádiva* escolheria um novo corpo, um novo *portador* em que pudesse se manifestar. Este felizardo morreria uma vez, ressuscitaria, cumpriria a sua etapa *na travessia*, morreria de novo, e um novo felizardo surgiria... e assim por diante. Seres vivos, naturais, servindo como invólucros, como meios, e os ditos seres sobrenaturais, os vampiros, como fins... e como repasto.

Pois é assim que funciona. É assim a natureza.

Esta é a cadeia alimentar.

Para a jovem, sem corpo, sem nada, restava tão somente observar.

Não podia sequer chorar. As terminações nervosas ligadas às glândulas lacrimais deviam ter sido atrofiadas quando o seu corpo fora removido.

Não sentia nenhuma dor física. Seus nervos e células malucas e evoluídas, ligados aos efeitos da *dádiva* diabólica, deviam estar cuidando para que isso não pudesse acontecer.

Restava-lhe a mente humana.

Vampiros são cruéis predadores, é o que diz a vasta literatura humana, toda ficcionista e romântica. Nada mais singelo a ser escrito de parte das *vítimas* – os seres humanos, ingênuos e tolos, porém muito criativos.

Nada mais errado. Nada mais impróprio.

Eram os humanos que destruíam a Terra, acabavam com a vida, guerream com consigo mesmos e matavam-se por muito menos do que sangue. Tinham sido os seres humanos que a tinham torturado por tantos anos. Pai e

mãe humanos, irresponsáveis, gananciosos, loucos por um ridículo dinheiro de papel. Empregados e criados, doutores e farmacêuticos que a enchiam de drogas lícitas, e traficantes, e os assim chamados amigos interesseiros, e a mortífera diversão das drogas ilícitas.

Quem a tinha salvo fora o predador, *o veterano*. As presas era que não prestavam. Havia presas demais, elas corrompiam o ambiente, e precisavam ser controladas.

Mas agora, condenada pela sua juventude tanto humana quanto vampírica, ela voltava a ser uma presa, nas garras de um predador ainda mais forte e impiedoso.

E isso sequer servia para deixá-la triste. Os centros nervosos que deviam estar ligados aos pontos do cérebro responsáveis pelas emoções deviam estar desligados, se é que ainda existiam. Talvez fossem certas substâncias que algum lugar do corpo que já não tinha devesse estar produzindo...

Só conseguia sentir um certo desinteresse, algo parecido com desânimo.

Talvez estivesse morta.

E talvez a morte fosse assim mesmo, estável, lógica, desprovida de emoção e sentimento.

Talvez fosse apenas um punhado de terminações nervosas atrofiadas, ou a falta de substâncias e reações químicas pelo corpo.

O corpo... talvez fosse isso que estivesse lhe fazendo falta de verdade.

Ela queria se mexer, e sair por aí, pela noite. Visitar os lugares de antes, os cassinos, os bordéis, as boates. Encontrar gente viva, alimentar-se, matar alguém às escondidas, e depois sumir da vista sem despertar suspeitas. Enfim, queria divertir-se, como *o veterano* a tinha ensinado a fazer.

E acima de tudo, queria saciar a sede de sangue que sentia.

E daria tudo para ter tudo de volta...

* * * * *

Perdida em devaneios, a cabeça exposta no balcão ouviu os passos... as vozes se aproximando, a porta sendo aberta.

– Olha só... aqui também tá aberto. Dá pra entrar – disse a primeira voz.

Vozes de crianças.

Sangue.

– Sim, mas que fedor, blah! – disse uma segunda voz.

– Não tem nenhuma janela? – perguntou a terceira.

– Sei lá – respondeu a primeira, uma voz de menino crescido. O chefe da turma.

– Está escuro – disse a segunda voz, que era fina, de menina. – E está

fedendo... – devia ser uma menina muito pequena.

– Cala a boca – resmungou o chefe da turma. – Não tem nenhum botão pra ligar a luz?

– Sei lá... – disse a terceira voz, o segundo menino.

Sangue.

Sangue novo.

Sangue novo vezes três.

A cabeça exposta no balcão sentiu os dentes vibrarem, vivos, nas gengivas.

Ela ainda era um vampiro. Ainda conseguia ver o sangue. Ainda tinha alguns de seus poderes.

E sentia muita fome.

– Achei um botão – continuou o segundo menino. – Opa! Não. Quer dizer... tem um monte de botões aqui.

O chefe da turma falou um palavrão. Sua voz estava bem mais próxima da cabeça exposta no balcão do que a voz do segundo menino. – Aperta um deles!

Ele era impetuoso. A cabeça exposta no balcão viu de longe o sangue percorrendo o corpo de menino forte, atlético. A coragem mantinha razoavelmente estável o ritmo das pulsações.

– Já apertou?

– Sim, mas não aconteceu nada – respondeu o segundo menino. Invisível por trás de uma parede.

– Mas como é burro! – o sangue se acelerou no corpo do chefe da turma. Ele estava com raiva, e se aproximava mais. – Aperta todos logo de uma vez!

– Calma – falou o segundo menino.

A luz se acendeu.

Os olhos da cabeça exposta no balcão se fecharam. Ardiam. Depois de tanto tempo na escuridão, a luz os feria como ácido.

Mas os ouvidos ainda funcionavam.

Passos. Os leves passos das crianças. Passos descompassados, vacilantes. Passos de alguém que procura, e vasculha.

– Está vazio – a voz do chefe da turma. – Não tem nada aqui.

– Vamos embora. Cheira mal – a voz da menina pequena. Soava anasalada, como se ela estivesse tapando o nariz com os dedos.

– Vá embora se você quiser, sua medrosa – trovejou a voz do chefe da turma.

– Não sou medrosa. É que está fedendo demais – justificou a menina pequena.

– Vou entrar – disse o segundo menino.

Um longo e baixo assobio.

– O que houve? – perguntou o segundo menino, mais próximo.

- Venham aqui ver isso! – sussurrou o chefe da turma, muito perto.
- O quê? – disse a menina pequena, ainda distante.
- Cara... isso aqui é demais – disse o chefe da turma, admirado.
- Deixe-me ver... – falou o segundo menino, tão perto quanto o outro.
- O quê é...
- Um grito. Os tímpanos da cabeça exposta no balcão quase explodiram. Fazia tempo que não ouvia um som tão agudo. As terminações nervosas funcionavam, afinal.
- Apesar de tudo, a cabeça exposta no balcão manteve-se imóvel. Sequer piscou.
- Disciplina e autocontrole. Não podia espantar a presa.
- Seu maricas! Tá com medo, é? – desafiou o chefe da turma.
- C-claro q-que eu estou – respondeu o segundo menino, gaguejando.
- I-isso... isso aí é... uma cabeça.
- Sim, e o que é que tem?
- Uma... uma cabeça de m-mulher.
- O que é que vocês acharam aí? – perguntou a menina pequena, ainda longe.
- Eu sei que é uma cabeça de mulher, seu burro – falou o chefe da turma.
- E o que é que você vai fazer com ela? – perguntou, espantado, o segundo menino.
- Ora. Vou levá-la comigo.
- V-você vai O QUÊ?
- Vou levar. Não está vendo que é falsa? É tipo aquelas coisas dos filmes, aquelas máscaras...
- “Isso... leve-me com você. Estou louca de vontade de conhecê-lo, menino corajoso.”*
- Eu quero ve-e-er – cantarolou a menina pequena, do lado de fora da sala.
- Mas isso está fedendo. E se for vodu... magia negra?
- Mas como você é chato! Isso é bobagem...
- “É. Isso é bobagem. Vodu, magia negra... onde já se viu...”*
- ... Isso aqui é só uma cabeça falsa, de mentira. Uma cópia.
- Ah. Tipo uma réplica.
- Deve ser. Onde é que tem um saco plástico... Eu tinha visto um por aqui, antes...
- “Um... saco plástico?”*
- O que você vai fazer?
- Vou colocar isso dentro de um saco. Aqui está!
- Ah... Você também está com medo disso daí...
- Deixe de ser bobo! Eu quero é escondê-la do pai e da mãe. Já imaginou o que eles vão pensar se chegarmos em casa com um troço desses?

– Eu quero ve-e-e-e-e-er! – Voltou a cantarolar a menina pequena. – Eu quero, eu quero, eu que-e-ro!

– Manda essa retardada calar a boca – vociferou o chefe da turma, que também devia ser o irmão mais velho do outro menino.

Mãos rápidas, um pouco trêmulas, pegaram com cuidado a cabeça exposta no balcão, e a colocaram com cuidado dentro de um saco plástico.

“De novo. Outra vez dentro de um saco...”

– Isso será o meu troféu – riu o chefe da turma.

Depois disso, só se ouvia um único som, que era parecido com o chiado que se ouve ao se tampar os ouvidos com a concha das mãos.

A mulher, a cabeça dentro do saco plástico apertado sentiu algo que lembrava um calafrio. Já ouvira palavras semelhantes.

Você é o meu troféu

Sem conseguir se conter, abriu os olhos.

As crianças agora corriam, e sua cabeça balançava dentro do saco plástico, deixando-a zonza.

As crianças falavam, ainda, mas era difícil distinguir o que diziam em meio à correria. O plástico batia e reverberava em seus ouvidos e olhos, deixando-a meio surda, e fazendo-a piscar continuamente.

“Novamente dentro de um saco... Que saco! O que virá agora?”

Mesmo tendo de abrir e fechar os olhos sem parar, a cabeça viu que as paisagens passavam no caminho dos pequenos.

Após deixarem o quarto, eles seguiram por um corredor escuro.

Desceram escadas.

O cérebro dentro da cabeça parecia prestes a explodir devido ao interminável sacolejo.

Mas não haveria problema.

Seria ótimo. Sangue de crianças. Sangue novo, de crianças saudáveis, movidas a chocolates e salgadinhos. Cheias dos hormônios e da saúde típicos da infância.

Crianças com seus pais. Pais detestáveis, como tinham sido os pais dela.

Pais que induziriam tais crianças saudáveis no caminho da tristeza e do vício.

Crianças que deviam ser salvas.

Pais que deviam ser mortos.

Uma hora, o sacolejo iria parar, e então ela iria se regenerar...

Ossos SEMPRE regeneram...

E aí a festa, a bonança iria começar.

Vampiros SEMPRE regeneram...

Ela iria dar um jeito. Encontraria uma solução. Desenvolveria um poder que impelisse sua cabeça, e a faria singrar os ares.

SEMPRE...

Este preview acaba aqui mas a estória de
Doença e Cura continua nos próximos
capítulos...

Descubra o que acontece a seguir.
Visite o site...

<http://www.magicjebb.com.br/literatura.php>

... e veja como adquirir o romance
Doença e Cura em sua versão impressa.

Entre em contato com o autor e dê sua
opinião sobre Doença e Cura:

jebb1972a@aim.com